

Eduardo Jorge de Oliveira*

Instituto Suíço de Tecnologia – ETH – Zúrique

Muriel Pic. *Leçons de possession. Les archives de la drogue d'Henri Michaux*. Paris, Éditions Macula, 2025.

O ritmo contra o estilo. O *ethos* de Henri Michaux nos *cadernos da droga*.

No contexto da publicação do primeiro volume da Biblioteca da Pléiade da qual começa a fazer parte a obra de Henri Michaux (1899 – 1984), um jornalista do *Libération* recupera uma conversa entre o escritor e o editor Claude Gallimard que teria ocorrido em meados dos anos oitenta. Quando sondado pela Gallimard sobre a possibilidade de integrar a célebre coleção com encadernação luxuosa e impressa em papel bíblia, Michaux explica a razão da sua recusa:

La raison majeure est qu'il s'agit dans les volumes de cette prestigieuse collection d'un véritable dossier où l'on se trouve enfermé, une des impressions les plus odieuses que je puisse avoir et contre laquelle j'ai lutté ma vie durant. Me libérer de quantité de pages d'autrefois, retrancher, réduire au lieu de rassembler, voilà qui serait mon idéal, au lieu de l'étalement de tous mes textes, qui, à coup sûr, me dégoûterait et à brève échéance me paralyserait.¹

Para o bem, para o mal, o morto não teve escolha: a Biblioteca da Pléiade reúne a obra de Henri Michaux em três volumes. Coordenado por Raymond Bellour, entre outros, os tomos são incontornáveis para quem se interessa por viagens exteriores e interiores, pois Michaux praticou muito bem as duas ao longo do século vinte. Apenas quatro anos separam livros como *Ecuador*, de 1929 e *Um bárbaro na Ásia*, de 1933. Tais viagens não seguiam nem roteiros seguros pré-estabelecidos, nem aventuras imperiais ou colonialistas, mas já afirmava experimentos que o levariam a viagens interiores. É nesse contexto que surge a importância do livro de Muriel Pic. *Leçons de possession. Les archives de la drogue d'Henri Michaux* (Macula 2025, 235 pp).

Leçons de possession mescla ensaio e investigação científica. Muriel Pic situa as alucinações voluntárias do autor de *L'infini turbulent* (*O infinito turbulento*, 1957), associando-as a um projeto artístico e literário que ocorreu em plena transformação epistemológica das quais Michaux fora contemporâneo. Nos anos cinquenta e sessenta, Michaux assume um papel histórico e epistemológico a partir do desenvolvimento de uma poética que não vem sem uma imaginação crítica. Ao instaurar protocolos para o uso deliberado de drogas, entorpecentes e substâncias psicotrópicas, o autor soube

conduzir a própria percepção com anotações rigorosas e, ao mesmo tempo, dispersa. Tais cadernos, por exemplo, não chegaram a integrar a Pléiade e ainda fazem parte de um desejo de não ter a vida regida por um dossiê. Sua escrita e obra plástica – pictográfica – lida de modo lúcido e protocolar com possessões, simulações de loucura, práticas de transe e de êxtase, dentre outros assaltos interiores que ganharam uma razão textual. Com mais de vinte livros de poemas publicados entre 1922 e 1984, sem contar as inúmeras plaquetes, Michaux é, sem dúvida, um dos autores fundamentais para estabelecer conexões entre a literatura e os limites do sujeito, além das mudanças de registro da escrita aos traços visuais da letra, como ela segue as razões gramaticais e passa a uma lógica visual. A questão, portanto, é como tal produção imprime as sensações e a consciência de detalhes da percepção, assegurando a existência material na linguagem verbal. Trata-se de uma obra que alcançou percepções que até então eram inéditas. Assim, mesmo que exista um valor documental na sua obra, ela escapa do puro e simples testemunho do uso de substâncias psicotrópicas. É o que Muriel Pic faz ao trazer para a crítica e para a teoria literária o que fora considerado um caso clínico.

Ao longo de sete capítulos ou *lições* estão articulados: a loucura voluntária, o estilo dos outros, o conhecimento por osmose, testemunhos oculares, a cenestesia, o heroísmo cerebral sob o efeito de narcóticos e o ritmo como antídoto. Com essa estrutura e suas variações, os procedimentos artísticos e literários de Henri Michaux são lidos à luz da revolução psico-farmacêutica. Isto é, a poética não se descola do perímetro da ciência, fazendo com que os avanços da medicina facilitem novas descobertas dos limites da consciência. A história da escrita seguida por experimentações não deixa de ser controversa: por um lado, há o fato de um escritor ter aceitado ser *cobaia* da indústria farmacêutica justamente para ter um acesso ao controle do próprio delírio, pois sozinho, acontecia-lhe de exagerar nas doses e suas experiências falhavam. Por outro, ao assumir esse controle sobre a experiência no âmbito pictórico e textual, Henri Michaux levou algum tempo para se preparar e, enfim, expor uma aventura interior que marcará o conjunto da sua obra como escreve Pic:

Parmi les hallucinés volontaires, Michaux est un cas à part. Quand il s'intéresse aux drogues, il a déjà 56 ans, il est veuf, possède une solide expérience de la vie, est largement reconnu comme peintre et écrivain. Il a renoncé dans sa jeunesse à des études de médecine, exploré l'Amérique latine et l'Asie, beaucoup lu les ethnologues et la littérature spirituelle de toutes les religions. Avec ce bagage, il approche les drogues en alliant la médecine et la magie dans une démarche fondée essentiellement sur l'écoute du corps. (2025 : 18)

Sendo um caso à parte, a singularidade de Michaux também solicita uma leitura crítica que seja marcada por essa história. Trata-se de um escritor que escuta o próprio corpo: eis um ponto fundamental no estudo de Muriel Pic, pois aqui não é apenas a medicina e a literatura que se articulam, mas as dobras de um indivíduo numa época

de transformações da produção dos fármacos. As fronteiras são frágeis e a distância crítica, de si e das instituições médicas e farmacológicas não deixou o autor de fora de experimentos em várias escalas. Henri Michaux explorara a arte de se intoxicar que, por meio de doses controladas, produzia um tipo de escrita muito específica. Cada náusea, tontura ou dor na barriga era rigorosamente controlada no seu diário como também eram documentadas leituras nos mais diversos níveis sobre os usos de substâncias extraídas de cogumelos tais como mescalina, LSD, psilocibina que foram as substâncias mais utilizadas por ele. O escritor também experimenta haxixe, cocaína e opiáceos. Muito embora tais substâncias tenham sido consideradas por ele como experiências menores, algumas comparações foram feitas. Com cada uma das viagens interiores, as dele e as que ele teve acesso por meio de leituras, permitiu que suas investigações produzissem comparações:

La « comparaison de recherche » (CR) est le fer de lance méthodologique de Michaux : comparaison entre ses témoignages et ceux d'autres intoxiqués, volontaires, médecins, patients, entre l'état normal et l'état halluciné, entre les documents de la folie volontaire et ceux des patients d'institutions psychiatriques ; comparaison enfin entre les drogues. Michaux trouve des ressemblances, des airs de famille, des parentés, et mesure le caractère infranchissable de certaines différences. Les archives de la drogue dressent des « tableaux comparatifs » illisibles, dont les colonnes finissent par se défaire. En comparant, Michaux apprend à être un autre qui s'observe, il apprend l'*auto-observation et son écriture*. (2025 : 85)

Assim, um dos pontos cruciais de *Leçons de possessions* é a leitura minuciosa do estilo das drogas na obra de um escritor – de como ela se abre mesmo para as mínimas vibrações – cuja leitura o aproxima da *cenestesia*. O termo vem de uma carta que Jean Starobinski escreveu a Michaux no dia 24 de dezembro de 1976. Como crítico literário e historiador da medicina, Starobinski exprime o desejo de escrever um ensaio sobre esta “exploração consciente do corpo” (2025: 157). O texto, no entanto, nunca chegou a ser concretizado como observar Muriel Pic. Mesmo assim, o crítico e professor de literatura na Universidade de Genebra dedica um curso sobre a consciência do corpo em três autores, Valéry, Supervielle, Michaux. A cenestesia, lembra Muriel Pic, é a faculdade de se colocar na escuta do próprio corpo (*ibid*). Ela não apenas anota a definição como também faz um breve percurso filológico das “informações sensoriais vindas do interior do corpo” que circulavam nos estudos médicos que datam do final do século dezoito e que vai ecoar na sensibilidade geral dos primeiros românticos alemães. Essa vibração terá um efeito de reciprocidade entre sensibilidade corporal e literária.

Para um autor que tinha feito diversas viagens pela América Latina e pela Ásia, isto é, que circulava por espaços não-europeus, as paisagens interiores exploradas por ele encontravam um saber por iluminações (2025: 104) como cada página ou cada poema é capaz de mostrar ao assumir que há outras maneiras de explorar as plasticidades

motoras e cerebrais. Se ao longo de seus protocolos, Michaux encontra um estilo das drogas, isso implica que ele fez da própria ideia de *estilo* algo reversível: pode-se muito bem conquistar e perder um estilo. Michaux não despreza um estilo: o que ele faz, no entanto, é perfurá-lo, possuí-lo e ser possuído por ele. Ora, como analisa Muriel Pic, não é um estilo que fora conquistado para estabilizar um fluxo textual, mas um ritmo alcançado. Após adotar protocolos científicos de auto-observação, as linhas cinestésicas organizam uma memória do momento sentido e será pelas próprias linhas que Michaux tateará o sentido pela ilegibilidade, pela ausência de sentido que será novamente alterada através de uma lógica da possessão.

Visualmente as letras são possuídas sem se reduzirem semanticamente, do mesmo modo que as variantes advindas de usos de psicotrópicos irão gerar textos que impressionam pela argúcia das observações: “*infini est petit*”. “*je me prête aux chocs aux infinies déchirures*” (2025: 145). Assim, é a própria psiquiatria que, ao prestar atenção aos textos de Michaux, é possuída. Nesse infinito ínfimo por onde as paronomásias aderem a epistemologia médica, a filosofia não ficará ilesa como Gilles Deleuze escreverá a partir de Michaux, associando-o ao princípio das mônadas de Leibniz (2025: 145). *Lessons de possession* expõe que explorar pelas vias da investigação literária os abismos da linguagem produzidos por Henri Michaux não é uma tarefa que se resume ao conhecimento específico das histórias literárias – a francesa em particular – muito menos de uma tarefa crítica que se resume às redes de autonomia do texto ou, precisamente, ao estilo do autor. É pela invenção do ritmo que Michaux põe em prática seus exorcismos que foram esboçados nos seus cadernos da droga: “*mots pour localiser l’ennemi/ pour se garder en forme/ se faire entendre/ se faire saisir/ se faire entendre de soi*” (2025: 205). As lições propostas por Muriel Pic mostram muito bem que na literatura um estilo pode ser uma armadilha. Ao longo de sua obra, Henri Michaux também expõe suas lições, pois mesmo estando na célebre Pléiade, seus textos ainda podem desarmar tanto essa quanto outras emboscadas.